

# Pedreira ameaça o monte Aghá, ponto característico de Piúma

O monte Aghá, pela sua imponência e beleza, tornou conhecido o município de Piúma, balneário localizado no sul do Estado, e até hoje funciona como uma espécie de bússola para os pescadores e navegantes da região. Atualmente, ele está correndo sérios riscos de perder sua majestade, pois o comerciante local João Rocha, sem autorização de qualquer órgão competente e à revelia da Prefeitura, deu início ao processo de dinamitação do pé do morro. As pedras retiradas dali estão sendo utilizadas para construção de casas.

A comunidade, revoltada com o que vem acontecendo há dois meses e diante da omissão do prefeito Izaías Sherrer em tomar uma providência para impedir que o monte Aghá seja destruído, fez um abaixo-assinado e o encaminhou ao Conselho Estadual de Cultura, sugerindo o tombamento do morro, como parte do patrimônio histórico do Espírito Santo. Hoje, o presidente do Conselho, Fernando Achiamé, acompanhado de um técnico do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais (DNPM), estará no local para se certificar do que realmente está ocorrendo com o monte Aghá.

## HISTÓRICO

Piúma está localizada a 84 quilômetros de Vitória, possuindo 91 quilômetros quadrados de área e oito de praia. O município foi fundado pelo padre José de Achieta entre 1565 e 1567 e era chamado inicialmente como Aldeia dos Índios Puris. Esse balneário se destaca entre os demais pelas águas tranquilas de suas praias, uma vez que até hoje não se tem qualquer referência de morte por afogamento naquela região, e também pelas ilhas que estão ao seu redor: Gambá, do Meio, dos Cabritos e dos Franceses sendo fácil o acesso a todas elas.

O monte Aghá (senhor dos senhores, de acordo com a origem árabe) e Agá (segundo a língua do puris-tupiniquins) ou Monte de Ver Deus (o mais forte, o mais alto) pela sua altitude, pode ser visto de longas distâncias, inclusive pelos moradores das localidades vizinhas, como Iri e Itaipava. Ele pertence aos municípios de Piúma e Itapemirim, servindo de marco divisório entre os dois. O morro é de grande importância para a comunidade que o respeita pelas muitas lendas contadas a seu respeito.

## LENDAS

Entre as histórias sobre o monte Aghá, conta-se que na época em que franceses se instalaram no Espírito Santo, apoderando-se de uma das ilhas de Piúma, eles construíram um túnel submarino até o morro, por onde penetravam em terras capixabas sem serem vistos. A lenda diz ainda que o túnel conserva dentro dele muitos tesouros e objetos de valor deixados pelos invasores. Os moradores mais antigos da região como Miguel Miranda Cunha, que vive em Piúma há 53 anos, contam que os ingleses, certa vez, se

entusiasmaram tanto com o monte Aghá, que propuseram a sua compra e no lugar construiriam um outro de bronze.

Presente em quase todos os postais do município, pouco se sabe sobre o Monte Aghá. Mesmo constituindo um dos pontos de atração turística do Estado, a Empresa Capixaba de Turismo (Emcatur), até hoje não cuidou de fazer qualquer divulgação a seu respeito. No entanto ele está lá impondo sua presença a todos que passam por aquela região sendo um monte sagrado para a comunidade.

## DESTRUIÇÃO

Há cerca de dois anos João Rocha adquiriu da família de João Merência uma faixa de terra igual a 20 mil metros quadrados de área, no pé do monte. Como este trecho de terreno ainda está envolvido no processo de partilha de bens, pois se trata de herança deixada pelo pai do vendedor, João Rocha ainda não possui a escritura definitiva de posse do local, e também porque o Incra não concede o registro de posse para área com menos de 30 mil metros quadrados. Explicações nesse sentido foram fornecidas pelo próprio João Rocha, garantindo que o seu advogado já está tomando todas as providências necessárias para regularizar a situação.

Como o local é uma região rochosa, e João Rocha trabalha no comércio de materiais de construção, resolveu explorar o lugar, dinamitando a pedreira e transformando-a em brita para ser utilizada em construção civil. Ele mesmo afirmou que não possui autorização nem da Prefeitura de Piúma nem de outro órgão competente para a exploração. "Têm outras pessoas explodindo pedra por aí sem autorização", respondeu o comerciante. Só que ele está dinamitando o "Senhor de Piúma", como o monte é conhecido pela população local.

João Rocha desconhece o volume de pedras retirado diariamente e diz que apenas algumas vezes chega a 10 toneladas. "O consumo é pequeno", disse ele. O trabalho de dinamitação começou sem que ninguém percebesse. Somente depois que Adélia de Souza e Josephine Guimarães voltavam de um passeio é que notaram que a pedreira estava sendo aberta, pondo em risco a existência do monte.

Por enquanto, somente quem vem de Itaipava tem condições de identificar de longe o local onde estão sendo retiradas as pedras. Imediatamente após a descoberta da dinamitação, o prefeito Izaías Sherrer, cunhado de João Rocha, foi informado do que estava acontecendo. Disse, na época, que tomara as devidas providências para impedir. Como nada aconteceu e as pedras continuaram sendo retiradas, a comunidade decidiu fazer um abaixo-assinado e encaminhar ao Conselho Estadual de Cultura pedindo o tombamento do monte, como parte integrante do patrimônio histórico do Estado. O documento foi entregue na semana passada e a Secretaria

de Educação já está tomando as providências.

## DEFENSORES

Miguel Miranda Cunha defende o monte Aghá por ser ele o "cartão de visita de Piúma" e disse que vai lutar pelo tombamento como patrimônio histórico. "Tudo faremos pela preservação do morro. Ele não pode ser destruído ou mesmo descaracterizado", disse o morador. Na opinião da comunidade o que estão fazendo com o Aghá é um crime. "E como se estivessem cortando um dos meus braços", afirmou Maria Zilda

"Temos que preservar o pouco que nos resta", foi a afirmação de Josephine Guimarães, dizendo que, se necessário for, obterá assinaturas de todos os moradores do lugar, num total de seis mil pessoas, e dos 24 mil turistas que se dirigem para o lugar durante o verão. O movimento pelo tombamento do monte Aghá partiu da própria comunidade, que se sentiu agredida com a exploração de pedreiras sem que o prefeito tomasse qualquer providência para impedir.

Durante dois dias, o prefeito Izaías Sherrer não foi localizado no município e o único integrante da administração municipal, encontrado na prefeitura, o diretor de Turismo, Sebastião Francisco Moreira, disse desconhecer totalmente o problema, mas na primeira oportunidade conversaria com o prefeito, a respeito do assunto.

Moreira disse que na Prefeitura existe um livro de reclamações e até o momento ninguém apareceu para criticar o que está acontecendo no monte Aghá. Quanto ao serviço de fiscalização da PMP, Moreira argumentou que as informações que os fiscais possuíam são de que a pedreira era do outro lado do monte, portanto, de responsabilidade da Prefeitura de Itapemirim.

Somente depois que a equipe de reportagem chegou a Piúma e quis conversar sobre o problema, é que o diretor de Turismo decidiu ir até o local e se certificar do que estava acontecendo. Descobriu que as informações que possuía não eram corretas e que a pedreira é do lado de Piúma. Ontem, o prefeito Izaías Sherrer deixou um recado escrito numa folha de papel para que o diretor de Turismo, o transmitisse, dizendo que ele iria tomar providências, não esclarecendo quais eram.

Segundo o chefe do Departamento Nacional de Pesquisas Minerais, Rubens Puppim, João Rocha só pode explorar o mineral mediante uma autorização do DNPM, o que não existe. Segundo ele, após a visita ao local, vai proibir que a exploração continue. Mas, para tomar essa atitude, vai depender, também, de um documento da própria comunidade solicitando tal intervenção. "E de responsabilidade da Prefeitura fiscalizar esse trabalho, uma vez que se trata de exploração de pedra para transformá-la posteriormente em brita e, portanto, evitar que isso aconteça", finalizou Rubens Puppim.